

HOMENS, MASCULINIDADES E FEMINISMOS: ENTREVISTA COM DANIEL JONES

MEN, MASCULINITIES AND FEMINISMS: AN INTERVIEW WITH DANIEL JONES

Marciano Antonio da Silva¹

RESUMO

O debate acadêmico em torno dos estudos sobre homens e masculinidades à luz das teorias feministas ganha cada vez mais visibilidade dentro da academia, principalmente, para repensar os arranjos de gênero na contemporaneidade. Diante desse cenário, entrevistamos o Professor Doutor Daniel Jones da Universidade de Buenos Aires – UBA, dada sua experiência em pesquisas que investiguem tais temáticas, bem como sua atuação no *Instituto de Masculinidades y Cambio Social*, uma organização feminista que desenvolve um trabalho com homens na Argentina. Ao longo da entrevista, o referido professor apresentou alguns caminhos possíveis para a abordagem com homens a partir de uma perspectiva feminista, assim como destacou os inúmeros desafios em torno desse tema, tendo em vista as tentativas de retrocesso e agenda antigênero imposta pelos governos ultraconservadores e de direita.

Palavras-chaves: Homens; Masculinidades; Feminismo.

ABSTRACT

The academic debate surrounding studies on men and masculinities in light of feminist theories has gained increasing visibility within academia, particularly as a way of rethinking contemporary gender arrangements. In this context, we interviewed Professor Daniel Jones, PhD, from the University of Buenos Aires (UBA), given his experience in research on these themes, as well as his work at the Institute of Masculinities and Social Change, a feminist organization that develops initiatives with men in Argentina. Throughout the interview, the professor presented some possible approaches to working with men from a feminist perspective and highlighted the numerous challenges surrounding this field, especially in view of attempts at regression and the anti-gender agenda imposed by ultraconservative and right-wing governments.

Keywords: Men; Masculinities; Feminism.

¹ Doutor e Mestre em Educação Contemporânea pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea da Universidade Federal de Pernambuco (PPGEDUC/UFPE). Foi bolsista pela Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco (FACEPE). E-mail: marcianoantoniosilva@gmail.com

APRESENTAÇÃO

Daniel Jones, doutor em Ciências Sociais e licenciado em Ciência Política pela Universidade de Buenos Aires (UBA) atua como investigador independente do Conselho Nacional de Pesquisas Científicas e Técnicas (CONICET) e como professor regular adjunto de Sociologia e do doutorado em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências Sociais (Universidade de Buenos Aires). Também é coordenador do *Diplomatura em Masculinidades y Cambio Social* (UBA). Há trabalhado com diversos temas e interseções entre saúde, sexualidade, gênero e masculinidades, religião e política, epistemologias e metodologias de pesquisa.²



251

A entrevista com o Professor Doutor Daniel Jones ocorreu durante o período do doutorado sanduíche³ realizado na Universidade de Buenos Aires, entre setembro e novembro de 2024, o qual contou com a co-orientação do referido professor. Nosso diálogo esteve centrado nas discussões sobre homens, masculinidades e feminismos, temas investigados pelo docente e que ganham cada vez mais notoriedade no âmbito das pesquisas que versam sobre gênero e diversidade na contemporaneidade.

Num movimento memorialista que atravessa diferentes momentos da sua vida, o entrevistado destacou desde suas raízes na Patagônia (Argentina) até os itinerários percorridos ao longo da sua trajetória profissional e acadêmica, períodos que marcam seus trajetos formativos. Seguindo este viés, o respectivo professor também realizou alguns apontamentos

² <http://webiigg.socials.uba.ar/buscador/miembrosDetalle.php?id=23>. Acesso em: 15 set. 2025.

³ O financiamento do doutorado sanduíche foi concedido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Ministério da Educação (CAPES - MEC), por meio do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior – PDSE.

acerca dos possíveis caminhos para continuidade das investigações científicas que envolvem temas como masculinidades e feminismos.

Em meio suas considerações, o docente destacou as disputas e tentativas de retrocessos que cercam o contexto latino-americano, sobretudo, após a ascensão dos governos de direita e ultradireita que assumem uma postura reacionária e neoconservadora em face dos avanços conquistados nos últimos tempos. Dentro desse quadro, chama atenção para a agenda antigênero que impõem uma série de recuos a continuidade dos direitos sociais e de gênero, inclusive, no Brasil e Argentina, com a ascensão de Jair Bolsonaro (2018-2021) e Javier Milei (2023-atual) respectivamente ao cargo de presidente do país.

A entrevista com o Professor Doutor Daniel Jones traz novas provocações e perspectivas para pensar as questões que entrelaçam gênero, masculinidades e feminismos, assim como assumir um comprometimento com uma justiça de gênero. É um convite a sonhar novas utopias.

Marciano Silva (MS): De forma breve, gostaria que destacasse o seu percurso acadêmico/profissional, apontando o início do trabalho com o campo dos estudos sobre homens, masculinidades e feminismos.

Daniel Jones (DJ): Meu nome é Daniel Jones, sou argentino, nasci na Patagônia, em Chubut. Primeiro, estudei Ciência Política na Universidade de Buenos Aires. Depois, recebi uma bolsa do CONICET, o Conselho Nacional de Pesquisas Científicas e Técnicas da Argentina para cursar doutorado. Foi lá que concluí meu doutorado em Ciências Sociais, também na Universidade de Buenos Aires, no ano de 2008. Comecei a me interessar por questões de sexualidade e, quando tive que apresentar um projeto de doutorado, optei por trabalhar com sexualidade e adolescentes. Isso me levou a falar mais ou menos no ano de 2002/2003, quando obtive minha bolsa de doutorado e comecei a cursar meu doutorado. Os temas de sexualidade e gênero ainda não eram tão presentes, pelo menos na vida acadêmica. Na Argentina, havia precedentes, havia algumas pessoas, mas ainda era uma minoria, então formamos muito rapidamente em 2004 o Grupo de Estudos sobre Sexualidades que funcionava no Instituto Gino

Germani da Universidade de Buenos Aires e foi aí que convergimos, reunimos pesquisadores de diferentes formações: Ciência Política, Comunicação Social, Sociologia, Antropologia, Estudos Culturais com o objetivo comum de discutir textos acadêmicos e o progresso da pesquisa das nossas próprias teses sobre sexualidade. Esse grupo durou de 2004 a 2019. O Grupo de Estudos sobre Sexualidades era uma oportunidade de formação paralela à nossa pós-graduação, simultaneamente, estávamos fazendo mestrado e doutorado, mas era muito potente porque ali podíamos circular textos aos quais tínhamos pouco acesso. Também podíamos discutir temas de vanguarda para a época e, por sua vez, apoiar as lutas políticas que estavam sendo implementadas na Argentina por causa da Lei de Educação Sexual Integral de 2006, da Lei do Matrimônio Igualitário de 2010, da Lei de Identidade de Gênero de 2012, e também por causa do aborto, que era uma pauta que, embora não fosse discutida no Congresso, era uma questão política motorizada pelo movimento de mulheres, e de relevância para um grupo acadêmico com interesses políticos, e que também tinha as pautas do feminismo e da diversidade sexual. Depois de toda essa trajetória, ao encerrarmos essa experiência, conheci Luciano Fabbri e Ariel Sánchez, que eu já conhecia de outros lugares e descobri que eles estavam prestes a começar uma experiência que é o *Instituto de Masculinidades y Cambio Social* (Instituto MasCS). Então, me convidaram para participar do lançamento, eu não fazia parte do grupo que organizou, mas me convidaram para palestrar no lançamento do Instituto, pois era na minha faculdade, foi uma experiência muito importante, e um ano depois, por volta de 2019/2020, entrei para o Instituto e comecei a participar do desenvolvimento das suas atividades.

(MS): Ao longo da sua trajetória, quais percepções vêm sendo construídas acerca da aproximação dos homens com a política feminista?

(DJ): Comecei a pesquisar no ano de 2000 e rapidamente me concentrei nas questões de sexualidade. Já em meados de 2002/2003, durante a construção do projeto da minha tese de doutorado, eu sentia que havia poucos homens trabalhando com questões de gênero e diversidade sexual, sendo a grande maioria gays, que também eram ativistas ou acadêmicos.

Na verdade, é muito interessante pensar que, quando eu estava apenas começando, havia muitos comentários jocosos, um pouco irônicos, sobre o porquê de eu, na condição de homem heterossexual, estar trabalhando com questões de sexualidade ou diversidade sexual. Eram comentários que, de alguma forma, sugeriam que, bem, se você estudasse questões de sexualidade, necessariamente teria que ser gay, porque esse era um tópico destinado a homens gays e mulheres heterossexuais ou lésbicas. E, bem, esse foi o caso por muitos anos. Eu diria que, na Argentina, isso começou a mudar um pouco após o evento “*Ni Una Menos*”, uma grande manifestação contra a violência de gênero em 2015, quando alguns homens começaram a se sentir mais diretamente desafiados pelo feminismo. É importante pensar como isso aconteceu, como eles começaram a se sentir desafiados pelo chamado do feminismo. Primeiro, pela agenda da violência, que colocava os homens como perpetradores; depois, pela agenda do cuidado, na qual começaram a discutir a responsabilidade dos homens nas tarefas de cuidado; e agora, especialmente desde o triunfo de Javier Milei na Argentina, eu também diria que, em certa medida, assim como ocorreu com o triunfo de Jair Bolsonaro no Brasil, à época, ou com o triunfo de Trump nos Estados Unidos, o que estamos vendo é um retorno de políticas nefastas, um retrocesso. Em relação à sensibilidade feminista entre os homens, ao menos em âmbitos progressistas da Argentina, não há muitos sujeitos que ousem ser sexistas ou reacionários em público novamente, acreditando que isso não terá nenhum custo político ou social. Não estou dizendo que isso se aplique a todos. Acho que há uma combinação complexa: existem homens que continuam a se aprofundar no feminismo e tentam desenvolver uma sensibilidade ou perspectiva de gênero, e muitos de nós trabalhamos no campo das masculinidades para realizar formações entre pares e produção acadêmica sobre esses tópicos, buscando alianças com mulheres feministas. Entretanto, há muitos homens que apresentam um discurso fortemente reacionário sobre questões de gênero diante de perspectivas críticas ou dos avanços em qualquer tentativa de desconstrução. Assim, trata-se de uma situação complexa, e me parece que não posso dizer, neste momento, que há muitos homens abraçando o feminismo. Acredito que este seja um período em que nossas convicções serão colocadas à prova — nós, homens, que decidimos abraçar o feminismo em algum momento de nossas carreiras, tanto como uma perspectiva epistemológica de pesquisa quanto como uma posição política.

(MS): No âmbito da sua produção acadêmica, encontramos o livro *“La masculinidad: varones y feminismos”*, no qual escreves a partir dos sentidos constituídos por um *“varón cis-hétero”*. Poderias contar-nos um pouco mais a respeito?

(DJ): Geralmente, eu nunca deixava claro que era um homem heterossexual, porque achava que isso poderia ser interpretado como uma estratégia de defesa, certo? Quero dizer, eu nunca dizia isso antes porque acreditava que esclarecer que eu era um homem heterossexual seria quase como me defender quando as pessoas me acusavam de ser gay, trans ou bissexual. Mais tarde, ao longo dos anos, percebi que também queria falar, nos meus livros e nas minhas intervenções, a um perfil de homens que geralmente não recebe muito discurso feminista. São homens cisgêneros, heterossexuais, que muitas vezes circulam principalmente entre outros homens heterossexuais e que acreditam que questões de gênero, sexualidade e diversidade não têm nada a ver umas com as outras e com suas próprias vidas. Assim, a inclusão, pela primeira vez, neste livro sobre masculinidades, homens e feminismos, da explicitação de que sou um homem heterossexual, relaciona-se a dois movimentos. Primeiro, apontar que não sofri certas violências ou discriminações que, pelo menos no caso da Argentina, são típicas da experiência de homens gays. Mais do que isso, digamos que usufruí dos privilégios associados à masculinidade heterossexual. Segundo, estabelecer algum mecanismo de comunicação para me dirigir a esses homens cisgêneros e heterossexuais, aos quais o feminismo, em geral, não se dirige. Por isso, era tão importante esclarecer essa posição, certo? Mas hesitei muito. Hesitei porque tinha medo de ser mal interpretado, de não ser compreendido naquele momento. No entanto, o que curiosamente aconteceu comigo, tanto com esse livro quanto com o meu livro mais recente — sobre a minha paternidade, intitulado *“León y yo. Diario de una paternidad”* — foi que conquistei um público com ambos, em razão do tipo de escrita e do lugar de testemunha e denúncia que ocupam. Geralmente, uma literatura mais militante, mais pró-LGBT, não costuma ter grande alcance. Então, acho que a estratégia funcionou de alguma forma, mesmo sendo um risco.

(MS): Quais aspectos considera fundamental para uma maior aproximação e comprometimento dos homens com a política feminista?

(DJ): Bem, é difícil porque, na realidade, a interpelação dos homens para se aproximarem do feminismo é uma interpelação política e ética ao mesmo tempo. Uma primeira motivação para se aproximar ao feminismo, entendido como uma luta pela igualdade, pela expansão dos direitos das mulheres e também como uma forma de também erradicar as violências, pressupõe que o homem que está sendo interpelado, considera isso eticamente errado. É necessário que haja o reconhecimento de que existe uma situação de injustiça com a qual ele não concorda. Então, bem, há uma primeira parte que tem a ver como podemos lidar com essas desigualdades que mulheres e pessoas LGBTQIA+ sofrem em geral para assim combater as narrativas que afirmam que não há desigualdades ou disparidade salarial entre gêneros, por exemplo. Muitos dizem que não há denúncias ou violências, que as denúncias são sobre situações que não aconteceram, que são falsas. Assim, a primeira coisa é apresentar, acredito, informações e argumentos que demonstrem a situação de desigualdade e injustiça que as mulheres e as pessoas LGBT sofrem. Em segundo lugar, criar uma estratégia pedagógica para mostrar por que isso é errado, pois, embora possa parecer óbvio ou evidente para nós, muitas pessoas pensam que a desigualdade é natural. Por exemplo, muitos justificam o racismo porque acreditam que os negros não são iguais aos brancos, assim como justificam a desigualdade de gênero porque acreditam que as mulheres não devem ter as mesmas oportunidades. Poucas pessoas ousam dizer isso em público, mas talvez haja muitas pessoas que acreditam nisso, que a desigualdade é natural. Sendo assim, é importante mudar e reverter essa situação, oferecendo informações que mostrem essas desigualdades. Também é necessária uma pedagogia para apontar porque isso é errado, digamos, quais são os custos dessa desigualdade de gênero em todos os sentidos para a sociedade. Acho que finalmente há um questionamento sobre o lado positivo da questão e aqui acho que estou respondendo mais à sua pergunta, pois em vez de culpar unicamente os homens como indivíduos, devemos explicar a responsabilidade que nós, homens, temos como parte do grupo social e o que podemos fazer individualmente e como organização para colaborar ou reverter isso, pensando em coisas concretas. Como podemos quebrar as correntes do silêncio ou cumplicidade que cercam a violência de gênero? Como podemos participar de uma

distribuição mais igualitária das tarefas de cuidado? O que podemos fazer como indivíduos, seja falando com outros homens ou nos organizando com esses sujeitos para erradicar e eliminar formas de abuso e violência que são direcionadas às mulheres e as pessoas LGBTQIA+? Então, acho que apresentar informações sobre essas desigualdades, explicar porque essas situações são erradas em termos éticos, mas também oferecer caminhos proativos para onde os homens possam recorrer nessas situações seria um plano de ação. Isso é, de certa forma, o que tentamos fazer no Instituto MasCS como organização da sociedade civil, mas também é o que eu tento fazer no meu livro, aquele que você mencionou, onde tento explicar um pouco sobre como essa desigualdade se configura, como os homens como grupo – especialmente os brancos, heterossexuais e cisgêneros – ocupam uma posição privilegiada e o que podemos fazer para melhorar essa realidade. Agora, isso também pode gerar um certo desconforto ou mal-estar, como diz o Joaquín Azpiazu ou o próprio Lucho Fabbri, pois quando alguém está em uma posição privilegiada e alguém vem apontar seus privilégios, os quais decorrem do sofrimento dos outros, não é uma posição confortável. É por isso que acredito que o desconforto seja produtivo, uma ética do desconforto pode ser um gatilho político para iniciar um processo de mudança pessoal, porém, apenas isso não é suficiente. É necessário que os homens reconheçam sua responsabilidade, sobre tudo ante os outros homens, na questão de promover a igualdade.

(MS): Atualmente és diretor acadêmico da “*Diplomatura en Masculinidades y Cambio Social*”. Qual a importância de ter um espaço de formação nessa área?

(DJ): Bem, vejamos, o Programa de Diplomatura surgiu como um projeto entre Lucho Fabbri e eu. Na época, ele estava liderando o Instituto MasCS e na administração pública, onde tinha ocupado um cargo muito importante, como subsecretário de igualdade na província de Santa Fe. Então, conversamos e a ideia era oferecer algo, não tanto em programas de pós-graduação, mas em programas de extensão. Aqui na Argentina, os programas de extensão buscam atingir um público mais amplo, não exclusivamente graduados ou universitários, porém o que acabou acontecendo foi que fizemos três anos seguidos (2022, 2023 e 2024) e a maioria das pessoas que se inscreveram no Programa de Diplomatura passou pela Universidade. Então, na realidade,

talvez não tenha sido tão amplo em termos educacionais quanto buscávamos, mas abrangeu disciplinas muito diferentes com estudantes que são advogados, médicos, psicólogos, assistentes sociais, antropólogos, muito diversos. No início, priorizamos estudantes de toda a Argentina, pois é virtual, tornando-o mais federal. Depois, começamos a dar mais espaço a colegas de outros países da região, e no ano de 2024, cerca de 30% dos estudantes eram de outros países. A verdade é que foi uma experiência espetacular, foi muito, muito gratificante para nós ter colegas do Peru, Equador, Bolívia, Uruguai e Chile, mas também havia alguns da Espanha e México. Agora, com relação à questão específica, acho que a importância da Diplomatura surge por um lado como um espaço de encontro e intercâmbio de pessoas que já estão executando a agenda feminista com perspectiva de gênero em diferentes espaços educacionais, terapêuticos ou de atendimento aos homens que cometeram violência. É um espaço de encontros e troca de experiências, onde realizamos formação sistemática e construímos um desenho curricular em várias áreas: saúde, educação, políticas públicas e assistência. Formação sistemática e assistemática em escuta com profissionais e professores que têm não apenas a experiência da docência, mas também a integração como terapeutas, educadores e gestores de políticas públicas de alto nível. O que emergiu é uma experiência de construção colaborativa do conhecimento que é autocorretiva, porque a cada ano modificamos o programa latino-americano que também tem uma grande capacidade de autocrítica, pois quando houve coisas que não gostamos ou que não funcionaram, nós modificamos. Em outras palavras, não nos apegamos a um desenho curricular e acho que tem um ponto importante aí, que gera um farol educativo e político para toda a região e participar desse espaço me dá uma grande satisfação. Nós nos perguntamos todos os anos se vamos fazer isso de novo, não porque não gostamos do espaço, mas porque a cada ano nos renovamos, e isso exige muito esforço, como por exemplo, chamar novos professores, mudar os programas, etc. Mas, bem, estamos lá, tipo, naquela situação em que sempre há uma dúvida permanente de como continuar, mas sempre uma dúvida mobilizadora.

(MS): Nas últimas décadas, observamos o surgimento de algumas iniciativas (coletivos, instituições, grupos) de trabalhos com homens a partir de uma perspectiva feminista. Como você enxerga esses movimentos?

(DJ): Então, não ousaria oferecer um panorama regional, mas ousaria dizer que, no caso da Argentina, mais especificamente o “*Instituto de Masculinidades y Cambio Social*” que surge a partir de trajetórias de ativistas que vieram da participação política ou institucional de lugares bastante diversos na agenda das masculinidades, talvez isso dê uma chave para pensar mais a fundo, como uma possibilidade de agrupar trajetórias. Nessa experiência coletiva, tínhamos o Lucho Fabbri que veio dos Varones Antipatriarcales, Ariel Sánchez da Juventude da CHA (Comunidade Homossexual Argentina), Agostina Chiodi e Juan Carlos Escobar do Ministério da Saúde na agenda masculina. Então, nos juntamos aos acadêmicos Matías di Stefano, Santiago Morcillollo e Mariana Palumbo, entre outros, chegamos como acadêmicos que vinham trabalhando de alguma forma, não exatamente com masculinidades, mas sim com gênero, sexualidade, feminismos, saúde e masculinidades. Essa experiência serviu como uma forma de dizer para todos nós que estávamos trabalhando com homens, que talvez nos faltasse alguma coisa, no sentido de desenvolver uma perspectiva específica sobre o trabalho com masculinidades, e acho que o Instituto serviu como uma grande força unificadora, onde pudemos não apenas desenvolver pesquisas, mas também pensar no impacto em políticas públicas, tendo um espaço de expressão ou produção de conhecimento, produção de materiais ou organização de formações. Durante esse processo, todos contribuímos com algo um pouco diferente, não éramos tão parecidos no início, o que acontece é que, ao longo dos anos, o Instituto nos deu uma estrutura de pensamento que temos construído e isso significa que temos uma perspectiva compartilhada sobre muitas questões. Agora, vou acrescentar algo para complicar a situação, acho que toda essa reação antifeminista, o que está acontecendo globalmente, não estou falando de Trump, nem de Bolsonaro, mas algo em que eu poderia pensar que estar dentro de muitas emergências da extrema direita, caracterizadas pela rejeição dos direitos LGBTQIA+ ou da visão tradicional das mulheres, o que representa um novo desafio. Desse modo, como construir uma estrutura interpretativa e uma ação política contra esses fenômenos e aqui estou dizendo algo que me parece interessante ou mais controverso. Eu

também acho que estamos meio que confortáveis com categorias como neofascismo ou extrema direita, que muitas vezes não explicam muita coisa. O que há de novo ou único nesses grupos, nesses líderes, nesses governos? Então, me parece que há um desafio de uma perspectiva de masculinidade com uma perspectiva feminista crítica, como construir uma estrutura conceitual e uma estratégia política para que possamos enfrentá-los.

REFERÊNCIAS

JONES, Daniel. **La masculinidad**. Buenos Aires, Editorial UNGS, 2022.

JONES, Daniel. **León y yo. Diario de una paternidad**. Buenos Aires: Ediciones Deceducando, 2024.

Recebido em: 02/06/2025

Aprovado em: 14/02/2026